

'Brasil 2001/2' e as previsões econômicas



Rubens Penha Cysne*

Brasil 2001 e Brasil 2002 são títulos de dois livros publicados por Mario Henrique Simonsen, respectivamente, em 1968 e 1972. Tais livros comentam algumas projeções efetuadas para o Brasil, em 1967, relativas ao ano de 2001. Nesta virada de ano, em que proliferam projeções dos mais variados tipos, revejo aqui alguns pontos de tais análises. Fica clara a necessidade de encerrar com a devida reserva qualquer exercício de futurologia econômica.

Em 1967, o Instituto Hudson, nos Estados Unidos, publicou o livro *Ano 2000 - Um Arcabouço para Especulação sobre os Próximos Trinta e Cinco Anos*, de Herman Kahn e Anthony J. Wiener. O estudo, prolixo, previa desde a evolução do sistema político internacional até a renda per capita de vários países fora do eixo dos industrializados, o Brasil em particular.

Nestas terras, o compêndio ganhou dimensão maior por

causa dos dois livros de Mario Simonsen acima citados. Simonsen reconheceu o caráter especulativo da obra do Instituto Hudson, em consonância com a proposta dos autores. Isto posto, sua estratégia foi utilizar o exercício de futurologia de Kahn e Wiener para mostrar que algo deveria ser feito no sentido de se inverterem as tendências previstas de empobrecimento relativo do Brasil.

Simonsen enumerou cinco grandes problemas nacionais a serem resolvidos nos 35 anos que se seguiriam às previsões do Instituto Hudson: necessidade de fortalecimento da poupança interna, treinamento de recursos humanos, contenção da explosão demográfica, expansão das exportações e, por último, racionalidade econômica e administrativa.

Alguns dos problemas listados por Simonsen naquela época são ainda bastante atuais hoje em dia, outros, não. O cardápio modificou-se um pouco. Quase não se fala mais, por exemplo, em "problema do crescimento demográfico". Por outro lado, permanece a necessidade de elevar a absorção dos ganhos de comércio, de fortalecer a poupança interna e de maior racionalidade econômica e administrativa (menos im-

postos e mais investimentos públicos). Novos problemas, por outro lado, se incorporaram à discussão do cotidiano nacional: incerteza jurídica (que explica mais do que a metade do spread bancário médio de 40% existente em 2004, por exemplo) e violência urbana, este um problema crescente e talvez o mais urgente no momento.

O mote principal da análise de Simonsen se centrava na previsão, efetuada por Kahn e Wiener, a respeito da elevação contínua da relação entre a renda per capita americana e a brasileira - em 1965, esta era da ordem de 12,7 para 1. Kahn e Wiener previram, para 2000, um agravamento dessa diferença, chegando à razão de 20,1 para 1. A projeção dos dados brasileiros encerrava um crescimento médio anual de 4,5% para o produto e de 2,74% para a população.

A relação entre rendas per capita Brasil-Estados Unidos não se agravou como se previra. Ao contrário, reduziu-se. Passou de uma relação de 12,7 para 1, em 1965, para a nova, de 9,2 para 1, em 2000 (ao contrário dos 20,1 para 1 previstos). Simonsen apresentou (*Brasil 2001*, página 29) como uma projeção mais razoável a manutenção, em 2000, da relação em torno de 12 para 1 existente em

1965. Ficou mais perto do que ocorreu.

Roberto Campos, em seu texto *Simonsen, um Matemático Humanista*, publicado pela *Revista Brasileira de Economia* em 1998, refere-se à ironia utilizada por este autor em seus escritos como "ironia com penas de avestruz, e não compunhais florentinos, mais devotada aos conceitos do que aos preconceitos".

Talvez um exemplo do que diz Campos possa ser dado pelos três comentários finais com os quais Simonsen fechou *Brasil 2001* e *Brasil 2002* - "Especulações de longo prazo, até hoje, das duas uma: ou se reduziram a trivialidades, ou foram desmentidas pelos fatos" (*Brasil 2002*, página 26); ou "ser futurólogo é, antes de mais nada, uma questão de coragem de afirmar" (*Brasil 2002*, página 15); ou ainda "economia é a ciência que justifica, no presente, porque suas previsões para o futuro deram errado no passado" (*Brasil 2001*, página 12.●)

*Rubens Penha Cysne, professor da EPGE/FGV, é visiting scholar do Departamento de Economia da Universidade de Chicago. Home page: <http://www2.fgv.br/professor/rubens/>

Suely Caldas está em férias.